UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

6

INSCRIÇÕES 21-25



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1983 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de chados

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA DE ORJAIS (C. Scallabitanus)

Гото 21

Pequeno fragmento de placa funerária em mármore branco, belamente ornamentada, proveniente da povoação de Orjais, concelho da Covilhã. Actualmente, no Museu Eduardo Malta (N.º de inventário: 173).

É digna de realce a moldura da inscrição: a exterior, de pérolas, tem 8,5 cm de largo e a interior, em folhas de acanto, 9.

Dimensões: $35 \times 37 \times 14$.

Campo epigráfico: 15×19 .

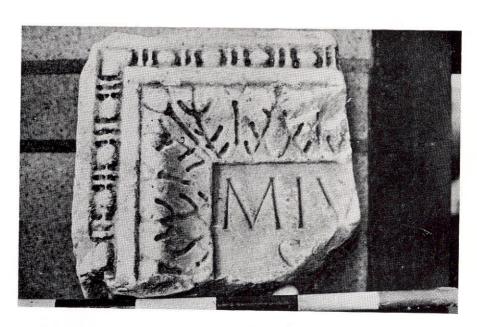
M(arcus) . IV[LIVS] [...] / S[...] / [...] .

Marco Júlio...

Altura das letras: l. 1: 7. Espaços: 1 e 2: 2.

Trata-se, sem dúvida, de um magnífico exemplar de inscrição. Desde logo, o material, inexistente na região, denota riqueza. Mas, mesmo que fosse granito, a ornamentação e o traçado das letras permitem concluir ter sido mandada executar fora da zona (em Conimbriga?) o que só seria possível a gente de abastadas posses e de requintado gosto.

Luís Plácido



Гото 21

FRAGMENTO DE CIPO FUNERÁRIO ACHADO EM BALEIZÃO

(Conventus Pacensis)

Гото 22

Encontra-se na colecção epigráfica do Museu Regional Rainha Dona Leonor, em Beja, um fragmento de cipo funerário achado na herdade do Lamarim, freguesia de Baleisão, concelho e distrito de Beja.

Trata-se dum cipo funerário, de mármore branco, paralelepipédico, encimado por uma cimalha (13,5 de altura) que suporta um pequeno plinto (38 de largura) onde assenta um frontão com duas volutas postas sensivelmente a meio dos catetos; este frontão é decorado com uma palma ladeada por duas flores de seis pétalas estilizadas; os discos frontais das volutas (9,5 de diâmetro) são decorados com flores semelhantes de sete pétalas (a decoração da voluta do lado direito do frontão encontra-se bastante danificada; a face lateral esquerda do cipo apresenta os vestígios da representação, em baixo-relevo, de uma pátera.

A inscrição começa a 9,5 abaixo da cimalha e está incompleta. Dimensões: $72,5 \times 43,5 \times 22$.

Leituras propostas:

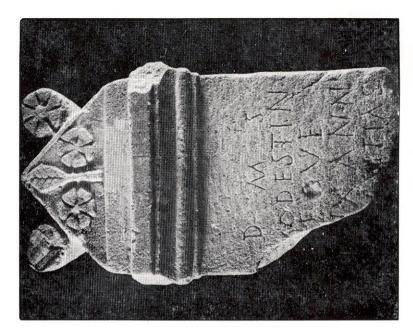
- a) D(is) · M(anibus) · S(acrum) · / [M]ODESTIN/[AE] [A]EQV(a)E · / [V]IX(it) ANN(is) / 5 [...]X [A]NTIAS / [...]
- b) D(is) . M(anibus) . S(acrum) . / [M]ODESTIN/[VS] EQVE(s) . / [V]IX(it) ANN(is) / 5 [...] X [A]NTIAS / [...]

Altura das letras: l. 1: 3,2; l. 2: 2,6-4,5; l. 3: 4; l. 4: 4.

A gravação das letras é descuidada e talvez feita a buril. Pelo traçado dos AA, EE, Q e M podemos considerar esta inscrição do séc. III.

Na leitura a) admitiu-se um indivíduo feminino, referido em dativo, cujo cognome, Aequa (dativo Aequae), teve perda do primeiro elemento da ditongação casual; trata-se dum fenómeno





linguístico documentado na Hispânia desde os fins do séc. 1 d.C. e que se foi tornando cada vez mais frequente (cf. A. Carnor, Le latin d'Espagne d'après les inscriptions, Bruxelles 1906, p. 70-81). O cognome Aequa é conhecido na Lusitânia em CIL, II, 218 (Lisboa).

Na leitura b) admitiu-se um indivíduo masculino, referido em nominativo, cujo cognome, Eques, sofreu apócope do s final, por razão que se desconhece (sobre as perdas do s final na epigrafia peninsular, cf. A. Carnoy, op. cit., p. 179-199). O cognome Eques é conhecido na Hispânia em CIL, II, 5964 (Denia, Alicante).

Em ambas as leituras propostas admitiu-se na l. 5 o nome *Antias* (que seria o nome do eventual dedicante desta memória funerária). O cognome *Antias* é conhecido na Hispânia em *CIL*, II, 1619 (Cabra, Córdova).

Quanto a *Modestinus/Modestina*, elemento onomástico bem conhecido na Lusitânia, trata-se dum cognome formado sobre *Modestus/Modesta*, igualmente cognome muito bem representado (cf. I. Kajanto, *The Latin Cognomina*, Helsinki 1965, p. 263).

MARIA MANUELA ALVES DIAS

PLACA FUNERÁRIA DE VALE FORMOSO (C. Scallabitanus)

Гото 23

Placa funerária em granito, encontrada no sítio do Sinque freguesia de Vale Formoso, concelho da Covilhã. Está no Museu Eduardo Malta, da Covilhã (N.º de inventário: 34). Estava embutida na parede duma casa de habitação e coberta com reboco. O proprietário, embora soubesse da sua existência, ignora de onde ela veio.

Tem, a toda a volta, uma moldura dupla, com 6/6,5 cm de espessura, sendo a interior em forma de colo de pomba.

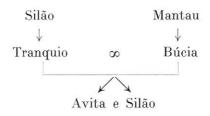
Dimensão: $51 \times 75 \times 23/30$. Campo epigráfico: $28,5 \times 52$.

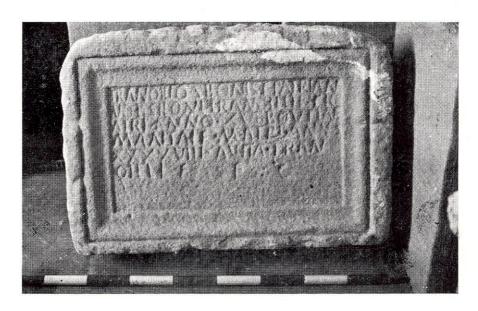
TRANQILLO · SILONIS F(ilio) PATRI AN/NO(rum) L(quinquaginta) SILONI TRANQILLI F(ilio) FR/ATRI ANNO(rum) · XV (quindecim) BOVTIAE / MANTAI F(iliae) · MATRI ANNO-(rum) / 5 XXXXVIII (octo et quadraginta) · AVITA · TRAN/QILLI F(ilia) F(aciendum) C(uravit) .

Avita, filha de Tranquilo, mandou fazer para seu pai, Tranquilo, filho de Silão, de cinquenta anos; para o irmão, Silão, filho de Tranquilo, de quinze anos; para a mãe, Búcia, filha de Mantau, de quarenta e oito anos.

Altura das letras: l. 1 a 5: 2,5/3; l. 6: 3/3,5. Espaços: 1: 0; 2 a 6: 0,5; 7: 7/8.

Trata-se de uma família, traduzível pelo seguinte «stemma»:





Гото 23

Tranquillus (aqui grafado sem u) é cognome latino. Os demais antropónimos pertencem à onomástica indígena peninsular: cf. M. Lourdes Albertos, «Emerita» XXXIII 1965, p. 123 (Silo), XL 1972, p. 22 (Boutius) e p. 299 (Mantaus). Avitus, de origem latina, é também frequente em zonas de onomástica pré-romana.

Luís Plácido

24

ARA VOTIVA DE CASCAIS

(C. Scallabitanus)

Гото 24

Por Guilherme Cardoso foi encontrada, a 23 de Janeiro de 1983, na berma duma rua em Talaíde (freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais) uma ara votiva romana («Jornal da Costa do Sol», 3-2-83, p. 12). O seu proprietário, Ifigénio Pedro Freire — que prontamente acedeu a oferecê-la para o Museu dos Condes de Castro Guimarães, de Cascais — retirara-a há anos da parede duma sua casa no centro da povoação. Desconhece-se, porém, quando é que ali fora posta bem como o local exacto da sua procedência.

Em mármore de tonalidade rósea, proveniente, segundo se crê, de antigas pedreiras existentes na zona de S. Domingos de Rana, a ara apresenta destruída a parte superior do capitel, assim como a quase totalidade da moldura, clássica, de garganta encestada, como se pode ver do lado esquerdo. A inscrição, bastante picada, ocupa a metade superior da face dianteira, que é polida sem campo epigráfico expressamente limitado. Ligeiras escoriações nas arestas. Base completa, com moldura de gola reversa seguida de ranhura, que a separa da zona inferior em jeito de faixa reversa também.

Dimensões:
$$57 \times \left\{ \begin{array}{c} 27,5\\22,5\\28 \end{array} \right\} \times \left\{ \begin{array}{c} 25\\22\\27,5 \end{array} \right.$$

Face epigrafada: $32,7 \times 22,5$.

AVGVS . ET / HERM[E]S . DEAE / MAGISTRI / DONVM . . .

Augo e Hermes, ministros da Deusa, ofereceram.

Altura das letras: 3.

Espaços: 1: 3,5; 2: 0,5; 3: 0,4; 4: 0,2; 5: 17.

A paginação foi executada segundo um eixo de simetria, com alinhamento à esquerda e à direita nas l. 1, 3 e 4; daí, o maior espacejamento interliteral da palavra donum. Pontuação correcta; na l. 1 talvez um ponto redondo, na l. 2 em forma de vírgula. A colocação do texto na metade superior da face epigrafada e o pequeno espaço deixado entre as linhas levam-nos a pensar que o monumento se destinava a ser lido a um nível inferior ao da visão humana normal — colocado, portanto, no chão do local sagrado, eventualmente nem sequer encostado a qualquer outro elemento porque está trabalhado nas quatro faces.

Dum modo geral, o texto não oferece dificuldades de reconstituição, inclusive nas l. 2 e 3. De Hermes distingue-se bem a haste vertical do R e boa parte do M: a metade esquerda e vestígios da terceira perna por cujo sulco a pedra lascou; só o E desapareceu — seria, de resto, estreito como os demais. Na l. 3, parece-nos legítimo reconstituir o A, de que resta parte da última perna. A dúvida está na letra seguinte: C ou G? Optámos por G, baseados no facto de a haste inferior se prolongar para cima; não enrola para dentro, como se poderia esperar, mas excede bastante o que é hábito no C. Daí que, também por esse motivo, tenhamos optado pela leitura Augus na l. 1. Os caracteres, denotando uma ligeira inclinação geral para a esquerda, são actuários, sem requinte nas terminações, paleograficamente datáveis dos começos do

Império: A largo e com barra horizontal a meio da altura; V simétrico; R de alça breve e haste oblíqua longa; D estreito, O bem circular; as barras são horizontais, só no E mostrando tendência para alevantar um pouco (mormente a do meio).

O monumento representa, como o texto concisamente memora (¹), o presente (donum) oferecido por dois personagens à divindade de que eram ministros do culto. Não se trata, pois, dum ex-voto no sentido próprio do termo, mas duma oferta que poderá quiçá corporizar um hábito, outras vezes documentado (nomeadamente em relação aos seviri) de se homenagear a divindade, em jeito de summa honoraria, no momento em que se era nomeado para o seu serviço.

Destinado a ser colocado no recinto sagrado, não precisava naturalmente de mencionar o teónimo, então bem conhecido dos crentes, por enquanto ainda nosso desconhecido (²). A ara votiva encontrada mais perto desta, em Manique de Baixo (³), é dedicada a uma divindade indígena, Aracus Aranius Niceus, com designação masculina portanto. Os dois dedicantes dizem-se apenas deae magistri, o que demonstra também a existência dum culto organizado ou mesmo dum collegium ou confraria a que eles presidissem (⁴).

⁽¹⁾ Subentende-se uma forma verbal final, F(ecerunt) ou D(ederunt).

⁽²) Pena que não se conheça o primitivo contexto arqueológico da ara. Mas o seu achamento constitui uma chamada de atenção: o santuário romano deve ter-se situado no local onde hoje se ergue Talaíde. E todos os cuidados serão poucos para que eventuais vestígios ainda existentes se não venham a perder aquando de novas construções ou demolições. Além do mais, porque outras aras se poderão encontrar, susceptíveis de nos darem o nome da divindade aí venerada.

⁽³⁾ CIL II 4991. Confrontar também o nosso trabalho «Divindades Indígenas…», Lisboa, 1975, p. 92-97.

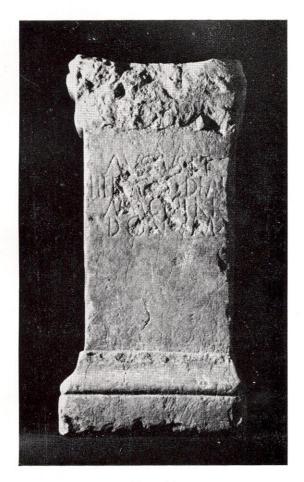
⁽⁴⁾ Não se conhecem muitos exemplos de magistri religiosos na Lusitânia. Recordemos Messius Artemidorus, magister do sodalicium Bracarorum de Pax Iulia, que manda lavrar uma inscrição em honra de Mitra (AE 1956 254). Em face deste texto de Talaíde, terá de repensar-se a inscrição achada em Miróbriga dedicada a Vénus por C. Iulius Rufinus, magister (D. Fernando de Almeida, Ruínas de Miróbriga dos Célticos..., Setúbal, 1964, p. 48-49): também neste caso magister será preferentemente um cargo religioso e não político.

Os magistri serão, como é frequente, libertos, aqui identificados apenas pelo cognomen. Contudo, se Hermes é documentado cognome de origem grega, o que efectivamente condiz com os hábitos onomásticos dos libertos, Augus pode oferecer dúvidas. É que este nome não figura, no masculino, na onomástica da Península Ibérica; não consta entre os cognomes latinos referidos por Kajanto; e M. Lourdes Albertos atribui-lhe origem pré-romana, tanto grafado com G como com C (5). Julgamos que também nesse aspecto a epígrafe de Cascais é importante, levando-nos a incluir Augus entre os antropónimos de raiz grega, a que pode corresponder, no feminino, a forma grecizante Auge — casos de Cornelia C. l. Auge (CIL II 6034) e de Sempronia Auge (CIL II 3251) — ou a forma alatinada Auga (CIL II 6338q).

A tipologia do monumento, a concisão do texto e a paleografia apontam para a primeira metade do século I da nossa era.

José d'Encarnação

⁽⁵⁾ Cfr. «Emerita», XL 1972 p. 19.



Гото 24

ESTELA FUNERÁRIA DE OURIQUE (Conventus Pacensis)

Fотоs 25.1 e 25.2

Encontra-se na Herdade da Torre Vã, freguesia de Panóias, concelho de Ourique, a servir de tampo de mesa, uma estela funerária em grauvaque, de contornos muito irregulares. Teria sido encontrada na herdade, que fica perto das minas romanas do Montinho.

Dimensões: $122 \times 85 \times 14$.

[...] / CONTVCIT [?] / COILICVS

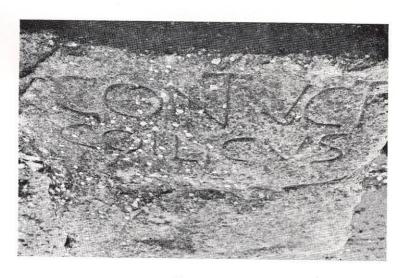
A inscrição, a que falta o começo, apresenta caracteres bem desenhados, regulares: O circular, V bastante aberto, S simétrico. Notem-se os nexos NT — com o T no prolongamento do N — e, eventualmente, IT.

Coilicus é antropónimo (de origem peninsular?) que não encontrámos outra vez documentado.

José O. Caeiro



Fото 25.1



Гото 25.2